

## A FERA DO JAZZ E O DISCO VOADOR

Ricardo Maradei

A Fera do Jazz chegou pra se apresentar na cidade. O produtor do *show*, Marcelo Mota, passou pra buscá-lo no aeroporto, e lá mesmo ajudou o músico a comprar *souvenires*, que levaram pro hotel. Era um artista bem conceituado, sabia fazer boas harmonias de improviso e bons solos, também de improviso, com velocidade e precisão, e, quando estava empolgado, o que ocorria muito, apertava os olhos, franzia o cenho, erguendo o canto esquerdo do lábio superior, por onde deixava entrever um canino. Usava camisa branca de gola baixa, deixando à mostra o peito cabeludo. Desceu do quarto e foi se encontrar com os demais integrantes da equipe que o contratara. À mesa, começou a contar a história da música desde os primórdios, indicando pormenorizadamente quais escalas e campos harmônicos pertenciam a essa ou àquela escola. Se distraiu tanto, indo tão fundo no assunto, que foi inevitável falar da sua própria história, na vida e na música.

Já bebiam há algum tempo e a conversa seguia animada. A Fera do Jazz não tinha dado um gole, e isso era coisa de que realmente se preservava, mas passou a não recusar o *whisky* depois que uma leve gozação – feita mais em tom de brincadeira, por falta de assunto – teve como alvo o músico, que não bebia nada, nada...

- Só estou dizendo que são anos e anos envelhecendo em barris de carvalho, a fim de retirar toda a água que você está repondo agora com esse gelo.

- Prefiro assim, o gosto fica melhor e no dia seguinte não há problemas – disse Marcelo Mota.

- Então... sobre isso de ter um dom, uma capacidade nata, eu acredito nisso mesmo. Eu fui abençoado com o dom da música. Como eu poderia pensar de outro jeito? Ganhei o meu primeiro instrumento musical com oito anos de idade, um violão, já velhinho, mas, como vocês sabem, eu imagino que vocês saibam, quanto mais velho é o instrumento, mais apurado ele fica. Isso é verdade. Eu posso ver agora.

- Pode ver o quê? – Perguntou Marcelo Mota

- Que os instrumentos musicais, quando vão envelhecendo, vão ficando mais apurados, como o *whisky*. Talvez até herdem esse apuro da boa técnica dos antigos donos - disse a Fera do Jazz.

- Os antigos donos tinham boa técnica? – Perguntou Ivan Zarife, um branco magrelo já há uns minutos com a cabeça enterrada no *smartphone*.

- Não sei...

- Então aí pode ser que fique pior, caso o instrumento tenha sido usado por alguém sem técnica nenhuma, digo, com técnica ruim, ou com pouca técnica, pouca técnica de algum tipo, porque, afinal, técnica o cara devia ter – Ivan olhou pra Fera do Jazz.

- Não fica pior. Antigamente as pessoas escutavam Cartola, e, tenho que dizer, o cara ali tinha alguma coisa... Já ouviu ele tocando violão? Pois então, não é como hoje em dia, em que se aprende a tocar ouvindo Bruno e Marrone.

- Cartola tinha mais técnica que Bruno e Marrone?

A Fera do Jazz pôs a mão no queixo e arqueou o corpo pra trás, erguendo os olhos pra cima, como se estivesse medindo se a lua estava bem no centro do céu, depois voltou.

- Não, Bruno e Marrone... eles têm mais técnica, mas a música é um lixo, cheia de clichês, choradeiras. Não é uma música... Bem, algumas pessoas nem consideram que seja música. Eu não sei...

Nesse momento Ivan Zarife, que sabe lá por que tinha mimetizado o gesto de olhar pro céu da Fera do Jazz, arqueou o corpo pra trás e avistou uma luz, um não tão pequeno ponto de luz que andava, parava e voltava a se mover em outra direção. A luz caminhava sinuosamente, em velocidade que dava gosto de olhar. Marcelo Mota comentou que aquilo não poderia ser nem avião nem satélite. A Fera do Jazz ficou olhando atentamente, com preocupação, ora pro céu, – e apontou o celular pra cima –, ora pros produtores. Marcelo Mota virou pra outro branco magrelo e disse, como se tivesse acabado de descobrir, “Julinho, pega a câmera!” Julinho queria saber que câmera. “A Câmera, Julinho!” Julinho foi pegar a câmera. Ivan Zarife não tirara os olhos do céu e estava em pé, obobalhado vendo o objeto, que descrevia movimentos cada vez mais curiosos. A Fera do Jazz tinha parado de filmar e de olhar pro céu. De repente, mirou o chão, como se estivesse medindo a distância entre a Terra e aquela luz. Levantou a cabeça e se voltou aos produtores, pesadamente:

- Eles estão desenhando uma partitura.

- Partitura?

- É.

- Como assim? – insistiu Marcelo Mota, que era músico, mas não sabia ler partitura.

- Uma partitura, observe bem, eles estabeleceram aquelas duas estrelas como limites de um pentagrama, e agora mesmo estão desenhando uma colcheia e agora uma semínima – a Fera do Jazz acompanhava didaticamente com o dedo indicador o movimento da luz –, está vendo?

- Eles quem? Quis saber Ivan Zarife, que também não lia partitura, mas conhecia vagamente uma ou outra figura de notação musical, e olhava pro céu tentando discernir alguma coisa.

- Quem quer que esteja no disco voador.

- Então é um disco voador? – Ivan quis saber.

- Observa, observem!, estão desenhando outra pauta agora, embaixo da primeira. A luz pisca duas vezes e se move pra baixo, pára e pisca novamente duas vezes. Assim eles estão definindo os limites da pauta.

- Cara, não to vendo nada. – disse Marcelo Mota.

- Tô gravando tudo aqui, Julinho garantiu.

- Prestem atenção! – disse a Fera do Jazz.

A essa altura, tinham até esquecido que um objeto estranho havia aparecido no céu, e prestavam atenção à Fera do Jazz, que havia tirado a câmera das mãos de Julinho para que fosse buscar seu violão no quarto do hotel. Julinho voltou logo com o instrumento e entregou-o ao músico, que tinha parado de filmar e o esperava quase totalmente deitado em uma espreguiçadeira, olhando pro céu.

- Agora, um segundo, e um pouco de silêncio, vou tentar tocar junto com eles.

- Junto com a luz? - perguntou Marcelo Mota.

- Isso. Só um segundo, preciso de concentração. Debaixo da luz é o local mais escuro.

- Como?

- Um segundo, um segundo, olha só, aumentaram a velocidade do movimento!

- Incrível isso! – admitiu Marcelo Motta.

- Passou de adágio a allegro. – disse Ivan Zarife.

De fato, a luz tinha começado a se mover mais rapidamente que antes, continuando a riscar o céu com aqueles desenhos, e a Fera do Jazz, que tentava acompanhá-la, inicialmente tirando um som tosco do violão, foi fazendo sair uma melodia daquela dança de uma luz só.

- Muito incrível! – Marcelo Mota se perdia no som do violão e no desenho, que ia pontilhando no céu, e ambos, música e luz, lhe pareciam mesmo, vez ou outra, entrar em sincronia. Era uma melodia incrível, e, assim, precisava logo ser registrada, mas Ivan Zarife, detido a Julinho, que estava tendo dificuldades em religar a câmera, olhou mais uma vez pro céu e viu quando o objeto percorreu em fração de segundo uma longuíssima curva fechada, pra desaparecer em seguida em mais que alta velocidade atrás de um edifício.

- Consegui ligar, – disse Julinho – consegui ligar, mas...

- Até que enfim! – meio que reclamou Marcelo Mota. – Traz aqui.

- Não tem mais disco voador – Disse Ivan.

Julinho entregou a câmera a Marcelo Mota, que viu que nela não havia nenhum registro, e os dois viram que no céu não havia mais nenhuma luz, a não ser uma ou outra estrelinha mais brilhante. Marcelo Mota deu um longo suspiro e estacou. Julinho, ao lado dele, esperava. O produtor investigou a câmera outra vez, como que duvidando de si, a fim de ter certeza de que nada havia ficado registrado. Quando viu que era isso mesmo, deu outro suspiro, mais curto, abafado, e lamentou, contrariado.

- Como foi pra isso acontecer? Ivan, chegou a gravar alguma coisa?

- Não, duas pessoas já estavam filmando, não me importei...

- A câmera desligou depois que fui buscar o violão. – disse Julinho. - Quando religuei, não tinha mais nada.

Ivan Zarife e Marcelo Mota olharam pra Fera do Jazz. Absorta em seu violão, terminava a melodia, sem se importar com mais nada. De repente voltou a si.

- Acho que é isso. Julinho, pega a câmera! – disse.

- O que aconteceu? – perguntou Ivan.

Julinho ficou calado. Se deteve um tempo ainda, sem saber o que fazer, mas logo pegou a câmera e focalizou a Fera do Jazz, que iniciou uma pequena peça musical, meio torta, que lembrava alguma coisa dos Concertos de Brandenburgo. Se atrapalhava ainda, mas pedia a Julinho que não interrompesse, depois se perdia completamente e parava, e requeria mais tempo para achar as notas certas e que depois recomeçasse a filmar.

- Ficou registrado no teu telefone. - Ivan lembrou à Fera do Jazz.

- O quê?

- A luz.

- Ah, não. Sumiu também.

- Sumiu? Tem certeza? – insistiu Ivan, depois de um instante.

- Sim.

- O que aconteceu?

- Não sei. Pode ter sido o campo eletromagnético gerado pela nave. Isso sempre acontece. Mas a gente teve sorte. Se eu não tivesse prestado atenção o tempo todo, a melodia teria se perdido completamente, ou em parte.

- Campo eletromagnético...

- Sim. Esse tipo de campo interfere diretamente em equipamentos eletrônicos.

- Já ouvi falar, valeu por lembrar. É um clássico. Uma lenda clássica. Não que não existam campos eletromagnéticos, nem sei o que é isso, mas a questão é que não existem discos voadores.

- Não existem discos voadores? E o que foi isso agora há pouco?

- Não faço ideia.

- O que mais precisas pra se convencer? Te conto um fato. Foi recuperada a caixa preta de um avião que estava desaparecido. São alaranjadas, sabia? As caixas pretas... Então, depois que a recuperaram, se pôde ouvir que o piloto conversava com o copiloto justo sobre a pane das funções de controle da nave, o que teria ocorrido após um avistamento que ali também é mencionado. – A Fera do Jazz explicava a Ivan Zarife.

- São muitos avistamentos – continuou – de um lado a outro do planeta. Achas que estamos sozinhos no universo?

- Não sei. Uma coisa não tem a ver com a outra. Como se pode saber o que tem nos confins do espaço? Assim, lá na casa do caralho mesmo? Não dá pra saber. Quanto a disco voador que passeia por aqui, pra mim é lenda, mito, uma visão do futuro, meio ultrapassada, mas que ainda não conseguiram derrubar. Olha só os extraterrestres... magros, cabeçudos, pois é o que se imagina que o ser humano inteligente vai ser daqui a, sei lá, cinco mil anos: magro e cabeçudo.

- E como se explica o que a gente acabou de ver?

- Chequei meu celular e tá tudo ok com ele. Filmes, fotos, arquivos de texto, tá tudo aqui. – Ivan continuou.

- Tenho certeza que era um disco voador.

- Tenho certeza que era alguma coisa. Não tem como saber o quê. Se os discos voadores fossem animais, por exemplo, se fossem o Pé Grande, ninguém razoavelmente desconfiado ia acreditar neles até que batessem uma foto decente do bicho e colocassem na capa da National Geographic.

- Mas, cara, nos mandaram uma mensagem inteligente, em linguagem inteligente. A prova viva é a música.

- Entendi. – murmurou Ivan Zarife.

Marcelo Mota tinha ido buscar mais gelo pro *whisky*.

Depois disso, a Fera do Jazz não tardou a se recolher. Um clima estranho havia ficado no ar, e achou melhor ir pro seu quarto descansar. E ensaiar sozinho. Na noite seguinte fez um grande show, em que lançou um número instrumental novo, bastante aplaudido, já que, como introdução, contou o que tinha ocorrido na noite passada, como a música lhe tinha surgido em uma partitura no céu. E o caso, envolvendo alguns bons detalhes, animou a plateia, que riu bastante, se divertindo com o talento e as incríveis histórias de partituras que se desenhavam nos céus. E acharam ainda mais engraçado o músico, – que se ria tanto, carismático e descontraído, e que de repente ficava sério, no tempo que lhe parecia o certo para o riso –, contando da concentração que precisara ter para não perder a melodia – naquele evento por si só já bastante estranho – enquanto tentavam lhe distrair com discos voadores.

**Ricardo Maradei** é formado em Filosofia. Coursou Letras e Jornalismo. Músico, gravou e lançou quatro discos, tendo atuado como instrumentista, cantor e compositor. Paraense, de Belém. Escritor estreante.